

**MELLONI, M. T. S.. RIO DE JANEIRO (1937-1959) UMA  
PSICANÁLISE POSSÍVEL. RIO DE JANEIRO; CIA. DE FREUD; 2010**

*Janaína Bianchi de Mattos<sup>1</sup>*

O livro “Rio de Janeiro (1937-1959) Uma Psicanálise Possível” foi elaborado a partir da dissertação de mestrado de Maria Teresa Saraiva Melloni, defendida no curso de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, com o título: “O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização”, sob a orientação de Cristiana Fachinetti”.

Ao longo do livro fica evidente a intenção da autora em estabelecer uma compreensão analítica e histórica acerca da constituição do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro, para tanto, primeiramente ela faz um corte temporal, delimitando o espaço histórico em que tal instalação ocorre e em seguida passa a definir as vias pelas quais isso se deu.

Em seu primeiro capítulo, Maria Teresa, verificará como se organizou a questão com a saúde e as políticas públicas a partir da virada para o século XX, momento em que o país estava em busca de um ideal de nação moderna, ao mesmo tempo em que ainda se mostrava às voltas com a instabilidade do início do regime republicano em que se apresentava uma acentuada desordem social. Com a crise econômica mundial de 1929, uma instabilidade política social exigiu que o Brasil modificasse seu perfil no meio internacional; posteriormente, com o estado-novo (1937-1945), houve um desenvolvimento institucional e intelectual das ciências, onde recursos foram disponibilizados na área de assistência social, com objetivo de organizar a população.

Mas é só a partir de 1930, na era Vargas, que a política social passa a ser incorporada definitivamente como atribuição do estado. Neste período havia muitas descobertas científicas no campo da hereditariedade, e uma delas, o Neolamarckismo, influenciou intensamente os estudiosos da época, que passaram a entender que a suposta deteriorização da constituição física e moral do brasileiro era

---

1 Coordenadora de Ensino Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – núcleo Dourados. Mestre e doutoranda pelo programa de pós graduação em psicanálise na Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ. Ministra seminário permanente sobre os destinos da Pulsão. Exerce atividades clínicas em psicanálise. Apresenta como temas de maior interesse o corpo, a escrita e a fantasia segundo a psicanálise.

causada pela transmissão hereditária de uma bagagem genética modificada pela incorporação de caracteres adquiridos no meio. Sendo assim, as ciências recém-chegadas da Europa eram consideradas a salvação para alcançarmos o modelo de uma nação desenvolvida, de modo que foi assim que a eugenia, que seria um recurso para o aprimoramento racial, iniciou seu movimento no Brasil apoiada pela higiene mental. Desta forma haveria uma esperança para uma nova psiquiatria que sustentasse o lema: “Ordem e Progresso”.

Ao longo da década de 1920 passaram a ser contestadas no país as teorias lamarckistas, quando foi colocada em questão a influência do ambiente na constituição genética, assim a eugenia mendeliana foi tomando gradativamente este espaço. Em meio a este complexo contexto, a psiquiatria passou a fazer uma interpretação bastante subjetiva das idéias de Freud, em que os interesses institucionais e locais e as preocupações políticas que envolviam a saúde mental da época pudessem ser intencionalmente favorecidos por tais conceitos.

Em 1950, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) redefiniram o conceito de saúde como “bem estar físico, mental, psíquico e social”. Em 1953, ano em que o Brasil enfrentava um clima de tensão política no governo de Getúlio Vargas, foi aprovada em caráter de urgência a lei 1920, criando o Ministério da Saúde.

No segundo capítulo a autora irá constatar que os interesses nacionais da época marcaram de maneira indelével tanto as ciências em geral como a medicina e a psiquiatria. Juliano Moreira estava à frente deste movimento e utilizava-se da “classificação de moléstias mentais do professor Emil Kraepelin” adaptando-a a realidade brasileira.

Na década de 1920 o foco de ação da psiquiatria passou a ser a prevenção; neste período a crescente valorização da cientificidade por parte da teoria mendeliana, juntamente com as crises sociais que apontavam que as medidas sanitárias e educativas que estavam sendo utilizadas no país para eliminar a degeneração não estavam sendo eficazes, teve sérias conseqüências no Brasil, principalmente para o grupo de Juliano, que passou a entender que a única solução seria a eugenia “negativa”, isto é, a esterilização dos degenerados, o exame pré-nupcial obrigatório e o controle de natalidade.

Ao longo deste processo algumas mudanças a nível estatutário ocorreram: a nomenclatura “alienado” havia cedido lugar a “psicopata” (1927), foi então substituída

em 1941 por “doença mental”, refletindo um processo de mudança no modo como os problemas com o psíquico eram interpretados. O psiquiatra passaria a ter papel de cura das doenças biológicas e não mais dos indivíduos. Desta forma, ocorreu que o discurso psicanalítico teve que conviver com a tendência organicista da psiquiatria e com a expectativa de adaptação do sujeito a civilização.

Por conta da ligação verificada entre a psiquiatria e os mecanismos reguladores do comportamento social, a assistência ao mental teve destaque nas políticas públicas, e foi desta forma que a psicanálise ocupou um lugar privilegiado no sentido de auxiliar a psiquiatria a compreender tanto os desvios do comportamento social, quanto os conteúdos delirantes dos psicopatas.

Melloni aponta que no Brasil a psicanálise entrou por dois caminhos: Rio de Janeiro e São Paulo. Entre os cariocas foi difundida em meio aos psiquiatras de Juliano Moreira; já em São Paulo, a proximidade de Durval Marcondes com a poesia, a literatura e a semana de arte moderna de 1922, aproximou a psicanálise da intelectualidade paulistana e do movimento modernista.

Maria Teresa ressalta que o país sofria importantes mudanças sociopolíticas na década de 1920, o que fez com que proliferasse um grande número de instituições ligadas ao tema da saúde. Neste período, Marcondes sofria desprestígio da psiquiatria paulista, enquanto Juliano Moreira se via muito prestigiado, de modo que o primeiro considerou interessante se aliar ao segundo com a finalidade de dobrar a confiança dos paulistas e ampliar a frente em favor da psicanálise no país.

Criou-se assim a seção carioca da SBP (Sociedade Brasileira de Psicanálise), presidida por Juliano; em junho de 1928 foi lançada a revista brasileira de psicanálise\* e em 1929 a SBP chegou a ser reconhecida provisoriamente pela IPA, fato que mereceu a saudação explícita de Freud. (Fachinetti, 2008:3, p. 79).

Como foi dito anteriormente, em São Paulo, a psicanálise não teve espaço no meio psiquiátrico, ficando apenas no campo da intelectualidade paulistana. O fato de ter perdido a disputa pela cátedra de psiquiatria e a direção do hospital Juqueri, Durval não alcançou o prestígio no meio médico e acadêmico que seriam necessários para conferir credibilidade à psicanálise, o que acabou permitindo que tais espaços ficassem preenchidos pelos ideais organicistas e higienistas que passaram a utilizar a teoria psicanalítica de forma bastante estranha e surpreendente.

Justamente neste momento em que Durval Marcondes via fracassar sua última esperança em realizar um projeto para formação de analistas, este recebe de Max

MELLONI, M. T. S.. Rio de Janeiro (1937-1959) uma psicanálise possível. Rio de Janeiro; Cia. de Freud; 2010

Eitingon\*, presidente da IPA, um manual que descrevia as características de um sistema para formação de psicanalistas no qual a SBP deveria se enquadrar. No entanto, Marcondes se deparou com a realidade de que tal direcionamento não interessou aos membros de nenhuma das duas sessões das sociedades de psicanálise de modo que acabou por fechar a entidade que havia fundado, encerrando em 1930 as atividades da primeira sociedade de psicanálise do Brasil e da América Latina (Sagawa, 2008, p. 82).

Assim mesmo, Durval e seu pequeno grupo não desistiram; sem apoio local buscaram associar-se a IPA de modo a adquirir maior credibilidade a psicanálise. Deste modo, após a leitura do “manual” da IPA, Durval passou a tentar trazer ao Brasil um psicanalista didata. Após várias tentativas, finalmente a IPA decide mandar a psicanalista didata Adelheid Koch que estava pretendendo emigrar da Europa, para exercer suas funções no Brasil. (Sagawa, 2002:67, p. 85).

Melloni então parte de todas estas constatações extremamente significativas para levantar a suposição que o processo de institucionalização da psicanálise no Brasil, a partir deste momento, seguiu rumos distintos em São Paulo e no Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro pôde ser observado que alguns conceitos freudianos fundamentais foram utilizados de forma particularizada pelo meio psiquiátrico; isto se deve em partes ao fato de a tradução das obras completas de Sigmund Freud para o português ter sido feita a partir do inglês, e não do original alemão, o que acabou ocasionando alterações significativas em alguns conceitos. Assim, a teoria Freudiana foi utilizada mais como instrumento auxiliar para investigação da etiologia da alienação do que propriamente uma teoria em si mesma, de forma que os fragmentos e textos escolhidos pudessem servir a este propósito que em última instância seria o de garantir uma população sadia que corroborasse para o projeto de nação. (Ponte, 1999, p. 87).

A autora considera ainda que, diferente do que ocorria em São Paulo, não houve no grupo carioca qualquer manifestação de interesse na formação psicanalítica, mantendo-se neste local apenas aquilo que Freud chamou de prática da “psicanálise selvagem”. (Freud, 1910/1969: 218, p. 98).

Na capital paulista, a entrada da psicanálise e a formação de psicanalistas se deram pela iniciativa de Durval Marcondes e alguns interessados. Já no Rio de

Janeiro, desde o início, ela entrou pela porta das instituições, apadrinhada por muitos psiquiatras que ocupavam cargos nos órgãos públicos.

Inicialmente, houveram algumas tentativas frustradas em trazer um psicanalista didata para o Rio de Janeiro, de modo que Walderedo Ismael de Oliveira e Danilo Perestrello decidiram ir para Buenos Aires, com o patrocínio do SNDM para suas respectivas formações psicanalíticas.

Outro grupo se formou em torno de Domício Arruda Câmara com o objetivo de conseguir com Ernest Jones, presidente da IPA, a indicação de um psicanalista didata para o Rio de Janeiro. Com isto foi iniciada a IBP – Instituto Brasileiro de Psicanálise, tendo como analista didata Marke Burke, que veio do exterior e recém chegado já iniciou as análises de dez candidatos.

Quase um ano depois, em dezembro de 1948, chegou ao Rio de Janeiro, também indicado por Eitington, o Dr. Werner Kemper, formado pela sociedade psicanalítica alemã (SPA).

Maria Teresa vem nos mostrar que os rumos da psicanálise no Rio de Janeiro revelam problemas de convivência entre Burke e Kemper, um judeu fugido da Polônia bombardeada e um alemão que, gostando ou não, participara do governo nazista. (Kemper apud Fütchener 2003:49, p. 102).

Em 1951, já haviam três grupos distintos que buscavam instituir uma formação psicanalítica: o grupo de Burke (IBP), o de Kemper (CEP) e os “argentinos”. (Perestrello, 1987, p. 103).

No ano de 1953, durante um congresso de psicanálise em Londres, o grupo de Kemper obteve reconhecimento provisório como grupo de estudos. Burke ficou tão decepcionado por não ter obtido o prestígio que almejava e também por não se adaptar tão bem a vida no Rio de Janeiro, que decidiu voltar no mesmo ano para a Inglaterra, deixando para trás muitos psicanalistas ressentidos e em formação.

Em 1955, o grupo de Kemper consegue ser reconhecido pelo IPA com sociedade psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e em 1959 no XXI congresso de Copenhague, após aproximação com o grupo de São Paulo, a segunda sociedade carioca de psicanálise – a sociedade brasileira de psicanálise do Rio de Janeiro – a SBPRJ, reunindo um grupo de analistas de diversas formações recebe o aval da IPA (p. 109).

Maria Teresa Saraiva Melloni observa de maneira muito perpicaz que em São Paulo foi unicamente a união de esforços de Durval Marcondes que, sem qualquer apoio institucional, sustentou a permanência de Adelheid Koch e conseqüentemente

as respectivas formações de psicanalistas, enquanto no Rio de Janeiro as formações foram grandemente financiadas pelo governo, servindo muitas vezes a projetos pessoais das candidatas, sem que fosse exigido destes nenhuma contrapartida, o que pode ter gerado disputas e conflitos desagregadores no meio psicanalítico, que viria a confirmar a pontuação freudiana de que paciente precisa se mostrar investido e investindo em sua formação para que esta venha a operar (p. 111).

No interior de tais instituições, nada parece ter ficado registrado sobre as concessões que os analistas tiveram que fazer para terem suas análises pessoais patrocinadas pelo órgão empregador.

O fato é que a psicanálise acabou sendo domesticada e adaptou-se as demandas do saber psiquiátrico da faculdade de medicina, as políticas de saúde pública com seu enfoque higienista e eugenista e as normas da IPA. Melloni enfatiza que esse mal-estar está colocado até hoje entre os psicanalistas brasileiros, quer estejam ligados a IPA ou não.

Ao longo do livro, Maria Thereza nos recorda que no início do movimento psicanalítico, Freud apenas autorizou certa “regulamentação” da psicanálise para poder poupá-la de prejuízos teóricos a fim de que não viesse a se misturar inadvertidamente com outros tipos de técnicas. Porém, a partir da criação da IPA, a autonomia da prática da psicanálise, que era tão cara a Freud, ficou aprisionada á referência de um terceiro regulamentador. Tal situação veio a interferir nos rumos tomados pela psicanálise no Rio de Janeiro, que se estabeleceu neste local obedecendo á demandas do saber psiquiátrico, as políticas de saúde pública de Capanema, e, acima de tudo, as normas da IPA.

Enquanto toda esta movimentação ocorria no Brasil, ao mesmo tempo, em 1952, na França, dentro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), instituição filiada á IPA, teve início um movimento liderado por Jackes Lacan que propunha um retorno a Freud, enquanto paralelamente se rebelava contra os princípios da regulamentação didática determinados pela IPA. Tal embate somente se findou quando Lacan, rompendo com a IPA, fundou em 1964 a Escola Freudiana de Paris (EFP).

Assim, a chegada da teoria lacaniana no Brasil, em 1970, encontrou um cenário de lutas envolvendo psicólogos, psicanalistas e psiquiatras. Este cenário apresentava como pano de fundo a ditadura militar, que na maioria das vezes, contava com o apoio da IPA, fato marcadamente omitido dos documentos oficiais.

O importante trabalho de Maria Tereza Saraiva Melloni oferece-nos uma contribuição valiosa e significativa, no sentido em que nos desperta para uma opinião crítica acerca dos movimentos das instituições psicanalíticas no país, ao mesmo tempo em que propõe que os analistas da atualidade fundamentem sua formação em uma interrogação constante de sua prática em relação com o discurso freudiano e seus pressupostos.

Seu texto percorre os momentos históricos da psicanálise no Rio de Janeiro e no Brasil com uma clareza inquestionável, surpreendendo o leitor pela qualidade de sua pesquisa tão ampla quanto minuciosa e, acima de tudo, original. Maria Tereza, com sua escrita perspicaz, nos conduz por cenários até então desconhecidos pela maioria dos psicanalistas e deixa claro que para haver formação psicanalítica não basta apenas saber sobre a teoria de Freud à Lacan, nem mesmo basta saber unicamente sobre algo de sua história pessoal deitados nos divãs de seus próprios analistas; é preciso também que a história da psicanálise, que atravessa de algum modo, a todos aqueles que se dedicam ao ofício de serem psicanalistas, seja investigada e continuamente questionada para que a formação do analista se dê efetivamente

Recebido em: 29-11-2017

Aprovado em: 14-12-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)